QUEM SE LEMBRA DE JOSÉ SOMBRA?

DJACIR MENEZES

Uma tarde de maio de 1932, o ilustre historiador, general Carlos Studart Filho, apareceu lá em casa de meu Pai, em frente ao Ramon, para indagar, em nome do Barão de Studart, se desejaria entrar para o Instituto do Ceará. Arregalei-me, era um prêmio. Gaguejei o agradecimento. Eleito sob tal patrocínio, passei a comparecer às sessões presididas pelo Barão, cercado de um elenco de figuras venerandas: desembargador Álvaro de Alencar, Antônio Teodorico da Costa, Eusébio de Sousa, Andrade Furtado, Souza Pinto, Pompeu Sobrinho, João Paulino (que nunca tomou posse, porque se dizia apenas representante de seu Pai, Des. Paulino Nogueira), Alba Valdez, Martinz de Aguiar — que iriam sucessivamente, desaparecendo... E há pouco Carlos Studart.

Minha entrada foi na vaga de José Carvalho. Pouco antes morrera José Sombra. E foi ele, já ausente, que pôs meu nome sob os olhos do Barão, de quem era o enteado adorado. Explico.

Acabara de publicar, editado na Tipografia Gadelha, à custa de meu Pai, **O Problema da Realidade Objetiva**, que receberia a longa carta, para mim consagradora, de Pontes de Miranda, que A. C. Mendes, com toda simpatia, inseriu na primeira página do Correio do Ceará. José Sombra, que prefaciara meu primeiro trabalho: **Diretrizes da Educação Nacional**, lera o **Problema** ainda em provas. Dediquei-o à sua memória.

As idéias de aluno e Mestre eram divergentes. José Sombra respirava em luminoso horizonte de espiritualismo cristão e era fascinado por Kant; eu, um afogueado leitor de Le Santec, de Ingenieros, de Comte e tentava as primeiras aproximações com autores alemães. Tinha notícias de Hegel e Marx. Envolvia-me a atmosfera intelectual onde se havia formado, no meridiano de 1870, o espírito de Rocha Lima, que ainda pretendo estudar a longo prazo, numa obra dedicada à minha terra. O movimento de idéias de 1870 — 1900, em torno do jornal maçônico **A Fraternidade**, é sugestivo. O chamado "curso integral", que conferia o título de bacharel em humanidades, tinha, no 5.º ano, a cadeira facultativa de Filosofia. Nossa turma, que findava com 13 alunos, inscreveu-se na matéria e ainda recordo a finura, a delicadeza, a ironia com que José Sombra analisava nossas perguntas raras e canhestras...

De qualquer maneira, foi o grande e querido Mestre que incentivou tal inclinação, que se iria robustecendo o resto da vida.

Sempre andei, pelo meu itinerário afora, resmungando contra Kant, mas lembrando-lhe a figura inexcedível através da alta fascinação, de José Sombra. Lembro-me de que disse-me certa vez: "Não esqueça de que o meridiano que passa em Konisberg divide o pensamento filosófico em dois hemisférios; nenhum pensador toma posição no mundo especulativo sem ajustar contas com Kant. E são contas intermináveis".

Morreu em 1932, num brutal acidente de ônibus. Começavam então minhas relações com Hegel. Este filósofo estava fora de suas predileções, como estivera fora das de Farias Brito, sobre o qual versara sua tese na Faculdade de Direito. Mas isso já é outra história.